

ÁGUA VIVA: A METAMORFOSE DA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR

ÁGUA VIVA: THE METAMORPHOSIS OF CLARICE LISPECTOR'S WRITING

Sávio Roberto Fonseca de Freitas¹

Inaldo da Rocha Aquino²

RESUMO: O objetivo deste estudo é desenvolver uma análise de *Água Viva* (1998), de Clarice Lispector, partindo do princípio de que a referida escritora propõe em suas narrativas um exercício metacrítico sobre o ser, o existir e o narrar. O elemento água se torna uma força que movimenta a manifestação do feminino clariceano, procurando mostrar os conflitos entre as personas “escritora e pintora”, as quais discutem identidades estéticas e ideológicas que hibridizam a hermeticidade autobiográfica de Clarice Lispector.

Palavras-chave: Metacrítica; Narrativa de Autoria Feminina; Simbologia da água; Conflitos introspectivos.

ABSTRACT: The aim of this study is to develop an analysis of *Água Viva* (1998), by Clarice Lispector, based on the principle that the aforementioned writer proposes in her narratives a metacritical exercise on being, existing and narrating. The water element becomes a force that moves the manifestation of the Claricean feminine, seeking to show the conflicts between the “writer and painter” personas, who discuss aesthetic and ideological identities that hybridize Clarice Lispector's autobiographical hermeticity.

Keywords: Metacritique; Narrative of Female Authorship; Water symbology; Introspective conflicts.

¹ Doutor em Literatura e Cultura. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras da UFPB (Campus IV - Mamanguape) e no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB (Campus I - João Pessoa)
E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br

² Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL/CCHLA, pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (Campus I).
E-mail: ynaldoroccha@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector representa na cena literária contemporânea uma fonte de inspiração e percussão no sentido de, através de sua literatura, desenvolver propostas estéticas e ideológicas motivadoras para a produção literária de autoria feminina. Enquanto instituição literária, observamos no conjunto da obra clariciana alguns aspectos que merecem destaque: o discurso indireto livre, as metáforas existencialistas, os diálogos introspectivos, o exercício constante da antropomorfização, as metáforas naturais (flores, frutos, bichos, árvores, água, fogo, vento), o misticismo ucraniano, o discurso da judia, o exílio, a crítica ao patriarcado, problematizações familiares, a crítica amorosa, a espiritualidade, entre os aspectos que podem ser pontuados. Partindo desta concepção, foi feita uma leitura da obra *Água Viva*, buscamos analisar no mesmo como sua identidade/*persona* e compreender as vozes femininas de suas personagens, pintora e escritora, percebemos também que a narrativa de Lispector caminha para à natureza como a água corre para o mar, e neste âmbito vale colocar à ecocrítica como base para nortear nossa análise.

Água Viva, lançado em 1973 pela Editora Artenova, não é considerado romance, ensaio ou poesia, mas possui hibridização dos referidos gêneros, sendo o primeiro título do manuscrito antes da publicação “Atrás do pensamento: Monólogo com a vida” e “Objeto gritante”. Ao ler os escritos, José Américo Pessanha os considera biográficos e aconselha a autora a reescrevê-los. Clarice Lispector segue o conselho do amigo e aceita as sugestões, e durante três anos trabalha na reescrita do manuscrito: muito do texto original foi retirado, recortado, e entre colagens e outros textos inseridos Clarice Lispector chega ao texto publicado com nome de *Água Viva*. Segundo Nolasco, “Para a construção da escritura, Clarice “se aproveitou de coisas que já estavam escritas” [...]” (2001, p. 195): “[...] desse modo, o livro *Água Viva*, fragmentado desde sua origem, é considerado por Olga Borelli como “o prenúncio do fim” ou “a ante-sala da desagregação absoluta” (2001, p. 205).

Já em 2019, o título é reeditado pela Editora Rocco em uma edição especial, e junto ao texto são publicados alguns manuscritos originais e ensaios sobre a obra. Em 2020, também pela Editora Rocco, em uma edição

comemorativa aos 100 de Clarice Lispector, é lançada mais uma edição, na qual traz na capa uma tela também pintada pela autora. Neste projeto comemorativo, boa parte dos textos da autora foi reeditado e os leitores puderam conhecer uma outra face de Clarice Lispector nas capas dos livros, as telas, o *instante-já*, considerado como o tempo, deu a autora oportunidade de revisitar os manuscritos inúmeras vezes.

A face de Lispector é discutida na obra publicada inicialmente em 1973, evidenciando o percurso feito pelas águas no percurso da narrativa, construindo a *persona* literária “em sua dimensão poética capaz de modificar a maneira de ver e viver realizadas ou artisticamente representadas.” (CAVALCANTI, 2007, p. 04).

A dimensão se modifica sempre seguindo o movimento das águas, de modo que, como um rio, começa pela nascente e se expande para transformar a natureza e localizar-se na formação de algo maior, juntar-se ao mar, em uma outra dimensão, perpassando a partida e a chegada das águas sempre em transformação do Ser. Ao considerar a nascente de *Água Viva*, percebe-se a dimensão de sua narrativa com o nascimento “Aleluia, grito eu, aleluia que se funde com o mais escuro uivo humano da dor de separação, mas é grito de felicidade diabólica, porque ninguém me prende mais.” (LISPECTOR, 2020, p. 07), os gritos do parto para dar vida a *persona*, gritos para mostrar que veio ao mundo, o choro; e constatamos sua personalidade, veio das águas, preso ao útero, agora ninguém a segura, “quero me alimentar diretamente da placenta [...] Tenho um pouco de medo: medo ainda de me entregar pois o próximo instante é o desconhecido.” (LISPECTOR, 2020, p. 07). O objetivo agora é correr e formar caminhos, mesmo que estes sejam desconhecidos: a água está viva e apesar da pequenez ainda em gota, ao cair na terra, ganha força e segue; assim, o(a) narrador(a) mostra ao leitor o instante agora e o delinear dos acontecimentos futuros, desde a origem da criação.

A Fonte deságua no enigma da esfinge

Ao revisitar *Água Viva* podemos observar algo a ser desvendado no percurso da narrativa: a autora nestas reescritas deixou uma espécie de enigma para ser desvendado, e, assim como a Esfinge, o leitor deve desvendar os enigmas da esfinge das águas, pois só desta forma poderá ser vista a terra no fundo límpido das águas, cobertas na superfície pelo enigma: “Estou consciente de que tudo que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando, sílabas cegas de sentido.” (LISPECTOR, 2020, p. 09).

A superfície destas águas sugere uma reflexão, um modo de entender a escrita, de desvendar inicialmente quem é o ser que fala/grita na escrita feminina:

Sou um dos fracos? fraca que foi tomada por ritmo incessante e doido? se eu fosse sólida e forte nem ao menos teria ouvido o ritmo? Não encontro resposta: sou. É isto apenas o que me vem da vida. Mas sou o quê? a resposta é apenas: sou o quê. Embora às vezes grite: não quero ser eu!! Mas eu me grudo em mim e inesperadamente forma-se uma tessitura da vida. (LISPECTOR, 2020, p. 17)

326

A partir desta reflexão, percebe-se a formação da água, como o grudar-se em si: metaforicamente visto como água, as gotas se juntam e inesperadamente formam uma imensidão, um lago, lagoa, etc., porque “Sinto que estou nas proximidades de fontes, lagoas e cachoeiras, todas de águas abundantes e frescas para a minha sede.” (LISPECTOR, 2020, p. 62), e, neste contexto, forma a tessitura da vida, é estar aberto enquanto ser vivente, gerar a vida, a água é fecundada por esta força que grita e age. As palavras formadas juntam-se também à tessitura, e o entrelaçar das palavras escorre no papel, contando uma história. *Água Viva* é a origem, o início da vida, e o fim, o fenecer nas palavras, “E eis que depois de uma tarde de “quem sou eu” e de acordar à uma hora da madrugada ainda em desespero - eis que às três horas da madrugada acordei e me encontrei. Fui ao encontro de mim.” (LISPECTOR, p. 79)

Dentro deste deságua e processo de enigmas soltos no percorrer da narrativa lispectoriana, o leitor precisa estar atento às pistas deixadas pelo narrador(a), então “Se lermos o texto de Clarice com os olhos da crítica literária tradicional, corremos o risco de pensar que a autora não estava falando sério [...]” (BRANDÃO, 2003, p. 129) à vista disto precisa-se debruçar sobre a narrativa para assim entender o percurso das águas neste processo de prender o leitor, mas a narrativa deixa claro para o seu receptor o verdadeiro intuito dela, e, para isso, não deve se iludir, “agora te falo a sério: não estou brincando com palavras.” (LISPECTOR, 2020, p. 17), se a conversa sobre a leitura é séria, que leitor é este o qual a autora quer atingir; que escrita séria é esta para ser avisada de sua importância; seria ela algo totalmente novo dentro daquilo conhecido pelo público; e esta narrativa agora traz o verdadeiro enigma da escrita; quem é este o Ser que encarna a *persona* clariciana e faz questão de dizer “Tudo acaba mas o que te escrevo continua.” (LISPECTOR, 2020, p. 78). Por diversas vezes no texto, encontramos o medo de ser abandonado(a), de ser vencido pelo cansaço, e nos perguntamos, o que tem a narrativa de tão instigante e curioso que deve ser levada a sério e continuada até o fim; teria fim a narrativa, será que mesmo depois de finalizada ela não continuaria?

São muitos questionamentos para responder; afinal, decifrar um enigma não é tarefa fácil, mas, se o enigma é dado, existe um sinal de resposta, e assim como a esfinge edipiana foi desfrada, a narrativa de Lispector caminha para ajudar a decifrar o texto ou então devorar o leitor. “O que te escrevo é um “isto”. Não vai parar: continua.” (LISPECTOR, 2020, p. 78).

Quem me acompanha que me acompanhe: a caminhada é longa, é sofrida mas é vivida. Porque agora te falo a sério: não estou brincando com palavras. Encarno-me nas frases voluptuosas. E um silêncio se evola sutil do entrechoque das frases. (LISPECTOR, 2020, p. 17)

O chamado para acompanhar é apenas uma isca, como o(a) narrador(a) mesmo diz: a isca usada pelo pescador para procurar fígar sua vítima, seria uma pista para desvendar o enigma da esfinge?

No percurso de toda a narrativa, percebe-se várias passagens que dão a entender o enigma, como uma fonte de água, refletido no título do texto e

noutras pistas, como: acompanhar, caminhada longa, cachoeira, mares; porém, fazer esta afirmação seria arriscado demais antes de navegar um pouco mais no texto. Uma vez que o(a) narrador(a) busca de uma forma particular mostrar uma visão de mundo e procura por uma identidade que ainda ecoa nas duas *personas*, a escritora e a pintora, evidenciando-se um confronto entre ambas e nos abre outras possibilidades de desvendar a esfinge.

A água é, inicialmente, evaporação das terras úmidas, foram nuvens carregadas, caem na terra novamente em forma de gota, umidifica o solo, juntam-se ao ponto de escorrer, caem nas ribanceiras em forma de cachoeira, fazem/formam seus caminhos diversos, alimentando as raízes das árvores enterradas na terra mãe, para ser, então, somada à imensidão dos rios e mares. Neste aspecto, poderíamos concretizar nossa afirmação deste enigma ser a água, mas porque ainda há questionamentos, é uma *persona* feita, de coragem, se assim o fosse, não haveria dúvidas, a agressividade das águas seria certa, mas não é.

Ainda sob a temática das águas, se refletirmos sobre o título: *Água Viva*, reportaremos ao animal marinho, livre seguindo o ritmo das águas, precisando viver intensamente as poucas semanas ou meses de vida que tem, “Presto cultos solares nas encostas de montanhas altas. Mas sou tabu para mim mesma, intocável porque proibida.” (LISPECTOR, 2020, p. 62), tabu porque ninguém a entende, não pode ser tocada para não queimar, quem se aventuraria chegar próximo, poderia fazer culto dentro das águas a um Ser, o enigma da esfinge. Entretanto, precisa provar sua existência, assim, metaforizando o animal marinho na pintura de *Água Viva*: sua matéria prima é o pincel, tela e tinta; e, neste aspecto, a tinta liga as duas em uma só, “Hoje usei o ocre vermelho, ocre amarelo, o preto, e um pouco de branco [...]” (LISPECTOR, 2020, p. 62) pintar seria seu deleite, para o animal, verte-se em cores é defesa. Clarice Lispector não define quem é o(a) narrador(a) do texto, “Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais.” (LISPECTOR, 2020, p. 10), por este motivo entender a água viva como encarnação de tal poderia ser cabível, já que o animal não tem definição de sexo, “fixo os instantes de metamorfose e é de terrível beleza a sua sequência e

concomitância.” (LISPECTOR, 2020, p. 11); porém, desvendar a esfinge de *Água Viva*, ainda é uma tarefa de adentrar mais ao texto, procurando ligar os enigmas deixados no seu curso.

Seguindo as correntezas, *Água Viva* é o confronto do Ser que acaba de nascer e deparar-se em frente ao próprio reflexo no espelho, e vivencia a metáfora do reflexo, do autoconhecer-se narcísico: a água penetra o poético e torna o fato de existir visceral. O fascínio de Narciso ao ver seu reflexo no lago deixa-o definhando à margem das águas, e estas águas após serem fertilizadas geram a vida que irão completar-se à beleza do admirado pelas ninfas; na narrativa clariceana é o confronto realizado em frente à máquina de escrever, na criação das palavras, formando a narrativa; e na arte plástica, no embate entre tintas e pincéis, assim a metáfora da água viva continua, ao escorrer sobre as telas e papéis dando sentido a formação da busca pelo *It*.

Estas *personas* indomáveis são como as ondas do mar, que seguem seu fluxo natural, batem à margem e voltam, de modo que, para juntar-se às descobertas de sua identidade, o(a) narrador(a) escapa tanto nas tentativas de fuga; todavia acaba retornando a si: “[...] pela límpida abstração de estrela do que se sente, capta-se a incógnita do instante que é duramente cristalina e vibrante no ar [...]” (LISPECTOR, 2020, p. 08). Estes aspectos mitológicos parecem estar intimamente ligados à narrativa, e estes ligados diretamente a natureza em um misto de visceral com o enigma que escapa das mãos, para Lispector: “O que te escrevo continua e estou enfeitiçada” (LISPECTOR, 2020, p. 79). O (a) narrador(a) continua enfeitiçada na armadilha de seu próprio ato de escrever sem parar, a água escorre no papel, desvia os obstáculos, constrói um novo caminho, mas para sempre se renova, e assim é o ato de desaguar nas águas de Clarice: desviam obstáculos, mas não param, questionando o objeto, ao fazer dele caminho, para se construir novas *personas*, e, ao deleitar-se no mar de palavras que são sérias, as palavras não brincam, indicam caminhos.

O caminho, por sua vez, nada mais é do que o(a) narrador(a) prendendo o enigma em um cordão para ter o controle da situação: ninguém a prende, mas ela pode prender, porque viver “heroica e solitária” é apenas no ato da escrita, e escrever é libertador “como a própria água corrente que nos escapa dos dedos

e que flui apesar das barreiras que existam no tempo e no espaço.” (BRANDÃO, p. 130). A natureza e a Literatura se juntam nas correntes clariceanas para chegar ao desafio da esfinge: é a ligação entre a mulher (escritora e artista plástica) com a natureza, vistas como o cerne em um processo dinâmico de releitura (Brandão, 2003), o cerne inatingível, que fortalece e move a água, transforma-a em energia vital de seu próprio ser, e o sopro da vida leva as ondas ao mar da existência do “Ser” onde o encontro com o “bio” é inevitável e dá-se um *tsunami* (choque) de existência. Desse choque se dá a palavra na escrita do feminino em Clarice Lispector, choque que “busca a construção da simbologia em diversos ângulos”, como afirma Brandão (2003), compondo a própria autora: É que agora sinto necessidade de palavras - e é novo para mim o que escrevo porque minha verdadeira palavra foi até agora intocada. A palavra é a minha quarta dimensão (LISPECTOR, 2020, p. 08).

Ao escrever, Clarice Lispector dá à narrativa uma dimensão sem fim, seu domínio é a palavra que foge dos padrões conhecidos, porque a mesma chega ao seu íntimo e, assim, toca seus leitores em busca do “instante-já” relacionado ao tempo que corre, tempo importante que marca a existência da água viva, que vive tão pouco para ser entendida, ser explorada e vista como enigma, o instante-já marca e ultrapassa tudo que é racional. Então, para desvendarmos a esfinge, é necessário lutar contra o irracional, que foge da percepção humana e dos olhos do homem, transfigurando-se como e na figura do narrador, o qual é assim se define e marca sua existência: “[...] eu que ambiciono beber água na nascente da fonte - eu que sou tudo isso”, [...] (LISPECTOR, 2020, p. 14); “[...] de mim nasce inexplicavelmente vida alta e leve”. (LISPECTOR, 2020, p. 20)

A fonte e a vida são, respectivamente, representação real e subjetiva do ato de criar, e, nestas condições, a plenitude do viver está presente em todo o percurso da narrativa, quando o enigma da esfinge começa a ser desvendo. O enigma da esfinge é a Mãe Gaia, em toda sua grandeza, gerando vidas, em todo seu percurso. Surgida do Caos e fecundada por seu filho, Urano, nascendo,

assim, todas as formas de vida. Na narrativa, Gaia aprofunda-se na criação, encarna a artista plástica para criar o mundo, trazendo a beleza de seus traços na matéria “e se muitas vezes pinto grutas é que elas são o meu mergulho na terra, escuras, mas nimbadas de claridade, e eu, sangue da natureza [...]” (p. 07); assim como encarna a escritora, ao usar as palavras de forma séria, sem brincar, porque o que “este texto que te dou não é para ser visto de perto: ganha sua secreta redondez antes invisível quando é visto de um avião em alto vôo. Então adivinha-se o jogo das ilhas e vê-se canais e mares desta forma, Gaia se apresenta ao filhos como algo intocado, apenas para ser isto de longe, admirado, a natureza dará alimentos, mas não castigue-a com ganância de poder, como fez inicialmente Chronos, castigando a mãe com seu fruto dentro de si, “tomar conta do mundo exige também muita paciência: tenho que esperar pelo dia em que me apareça uma formiga. (LISPECTOR, 2020, p. 51)

O (a) narrador(a) não brinca com o leitor, os enigmas são um jogo que deve ser levado a sério, não se brinca com a natureza, “[...] estou sendo franca e meu jogo é limpo. Abro o jogo. Só não conto os fatos de minha vida: sou secreta por natureza. (LISPECTOR, 2020, p. 36). O jogo clariceano é limpo como as águas claras do oceano, uma vez que Clarice Lispector no papel de revisora e escritora dos manuscritos não revela Gaia, mas dá ao leitor caminhos para chegar até ela. Gaia é o Ser que encarna as *personas* literárias em *Água Viva*, é a resolução do enigma, a escritora e a artista plástica, juntas, metaforicamente Gaia, que constrói o mundo e o universo literário a partir da correria contra o *It*, porque tudo que é vivo seja racional ou irracional, está inserido na natureza. Após Gaia surgir, está pronto o processo de vida, e ela gera Urano, representando o céu; Óreas, as montanhas; e Ponto, o mar, Gaia na função de narradora, agora definida como gênero, irá fazer a vida brotar, e assim como afirmam os cientistas, a vida começa na água, a narradora em *Água Viva* vai dar uma atenção maior a este elemento. Mesmo assim, com esta atenção maior, o princípio da narrativa dá a vida primeiro aos animais, “Preciso sentir de novo o *it* dos animais. Há muito tempo não entro em contato com a vida primitiva animálica.” (LISPECTOR, 2020, p. 39), com a necessidade de sentir o *it* dos animais, podemos perceber que a criadora necessita mais uma

vez de tempo, encarnado na narrativa pelo *it*, a falta deste aliado crucial para construir “Quero possuir os átomos do tempo. (LISPECTOR, 2020, p. 07)” e o tempo é o agora, o passado não interessa, o futuro virá, então a leitura torna-se séria, o leitor precisa viver o presente, alvo da narradora. Sentir a vitalidade dos animais e aqui a forma de sentir mais próximo dos seus ancestrais, e ser inocente, predados somente no momento de alimentar-se. Logo vem as árvores que preenchem a Mãe Gaia, “[...] mas seco-me ao sol e sou um impessoal de caroço seco e germinativo. Meu pessoal é húmus na terra e vive do apodrecimento. Meu “it” é duro como uma pedra-seixo.” (LISPECTOR, 2020, 25), as árvores irão começar a germinar na terra alimentada para gerar a vida, e aqui percebemos o elemento água marcado pelo *it* da pedra-seixo, formada na água do mar.

O ser poético que habita dentro da narradora em seu tempo, agora só precisa de tempo, para comunicar-se com a criação em uma ligação de *instante-já*: “Ele está ligado à raiz que penetra em nós na terra. Tudo o que te escrevo é tenso.” (LISPECTOR, 2020, p. 22). A tensão descrita pela narrativa pode ser entendida com a relação desta como Mãe, Deusa, ela cria, manda; mas as *personas* que ela encarna veem Deus como criador, segundo o livro da Gênese, e então encontramos o embate da deusa, que se encontra com Deus, que criou em 7 dias, “O *it* vivo é Deus [...] Vou parar um pouco porque sei que o Deus é o mundo.” (LISPECTOR, 2020, p. 25), o reconhecimento de algo acima de si torna-a agora crente em uma força maior, o controlador do tempo. Metaforicamente, a narradora busca por Chronos, o filho de Gaia, o controlador do tempo na mitologia, que engole os filhos para ter controle de tudo.

Penso que agora terei que pedir licença para morrer um pouco. Com licença - sim! Não demoro. Obrigada.

..... Não. Não consegui morrer. Termina aqui esta “coisa-palavra” por um ato voluntário? Ainda não. (LISPECTOR, 2020, p. 54)

“Estou numa delícia de se morrer dela. Doce quebranto ao te falar. Mas há a espera. A espera de sentir-me voraz em relação ao futuro.” (LISPECTOR, 2020, P. 55).

A noite chega, o descanso é merecido para quem criou o dia inteiro; “não demoro” significa que a narradora se retira para o descanso, pois dormir é

apenas a forma de metonimicamente morrer. A insônia ataca, o processo de criar ainda é latente em sua mente, a tela está incompleta, as páginas ainda em branco, é momento de voltar e criar. Como o tempo não marca o futuro, a relação da narradora poeta é voraz, assim como Chronos, engole o futuro para não pertencer a este, e então chega o delírio da narradora de forma racional de pensar sobre a morte: “quero que me enterrem diretamente na terra embora dentro do caixão. Não quero ser engavetada na parede como no cemitério São João Batista que não tem mais lugar na terra. Então inventaram essas diabólicas paredes onde se fica como em um arquivo.” (LISPECTOR, 2020, p. 37). A morte a direciona voltar para onde veio, o que, de acordo com o livro de Gênesis, veio do pó e ao pó voltará; logo, a narradora neste aspecto não brinca na sua escrita, e a partir de uma metáfora, voltará à Mãe-Terra, Gaia, para assim fazer parte do seu Ser novamente: “e sentia a paciente brutalidade com que a terra fechada se abria por dentro em parto, e sabia com que peso de doçura o verão amadurecia cem mil laranjas e sabia que as laranjas eram minhas. (LISPECTOR, 2020, p. 52); então, cumprir-se-ia a missão do homem, voltar à Gaia, e voltar novamente à vida, em outra forma, laranjas, o importante é ser vivente e fazer parte da natureza sempre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo nos faz reconhecer como o processo de escrita é difícil e trabalhoso para Clarice Lispector, no entanto, também o é prazeroso; e leitores clariceanos são provocados a entender a narrativa como um simples processo de escrever, que requer tempo e dedicação em ambas as partes, é algo que rompe as barreiras e fazem o instante-já, as palavras ganharem sentidos até desconhecidos. Poder perceber que os fragmentos de Objeto Gritante, agora Água Viva, são capazes de tornar a leitura um ato de descoberta, de desvendar suas palavras, em seus múltiplos sentidos. A escrita clariceana tem muito para ser desvendada, e apesar das inúmeras vezes que seu *corpus* foi visitado ainda há muito para ser discutido na academia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Izabel. **Ecofeminismo e literatura: novas fronteiras críticas** in BRANDÃO, I. & MUZART, Z. (orgs). **Refazendo Nós - ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis e Santa Cruz do Sul: Mulheres e Edunisc, 2003, p.461-474.

_____. **Água Viva: A busca libertária do tempo presente**. in LEITURA - LINGÜÍSTICA E LITERATURA, n. 31, p. 129-144, jan. 2003 - jun. 2003. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/7469>

Acesso em: 03 DEZ 2020.

CAVALCANTI, Camillo. **Água viva, de Lispector: a voz de Gaia?**. Revista Garrafa, vol. 05, n. 15, 2007.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7614>

Acesso em: 03 DEZ 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro - RJ, Ed. Rocco, 1ª ed., 2020.

NOLASCO, Edgar Cezar. **Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura**. São Paulo - SP, Ed. Annablume, 2001.

Recebido em: 11/2020

Aprovado em: 01/2021

